

TERRITORIALIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO SÃO JOSÉ DE ICATÚ (PA): A DANÇA DA FARINHADA COMO PRÁTICA IDENTITÁRIA

SÂMIA MAÍRLA
VIANA PIMENTEL¹

TERRITORIALITY, MEMORY, AND RESISTANCE IN QUILOMBO SÃO JOSÉ DE ICATÚ (PA): THE FARINHADA DANCE AS A PRACTICE OF IDENTITY

NAZARÉ CRISTINA
CARVALHO²

Resumo: Este artigo analisa as relações entre territorialidade, memória, resistência e identidade no Quilombo São José de Icatú, localizado no município de Mocajuba, no estado do Pará. O estudo toma como foco a Dança da Farinhada, manifestação cultural desenvolvida pela comunidade como forma de transmissão de saberes ligados ao cultivo e à produção da farinha de mandioca. Busca-se compreender de que modo essa prática mobiliza memórias coletivas, fortalece vínculos intergeracionais e reafirma pertencimentos territoriais. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, realizada por meio de observação participante, diário de campo, registros fotográficos e audiovisuais, articulados à revisão bibliográfica. O referencial teórico dialoga com autores que discutem memória, território, cultura e resistência quilombola. Os resultados indicam que a Dança da Farinhada ultrapassa o campo performático, constituindo-se como prática pedagógica comunitária, dispositivo de preservação cultural e estratégia de continuidade histórica. Conclui-se que o território quilombola não se restringe ao espaço físico, sendo também lugar simbólico onde memórias e identidades são continuamente recriadas.

Palavras-chave: quilombo; memória; territorialidade; identidade; cultura.

Abstract: This article analyzes the relationships between territoriality, memory, resistance, and identity in the Quilombo São José de Icatú, located in the municipality of Mocajuba, in the state of Pará. The study focuses on the Farinhada Dance, a cultural manifestation developed by the community as a way of transmitting knowledge related to the cultivation and production of cassava flour. It seeks to understand how this practice mobilizes collective memories, strengthens intergenerational bonds, and reaffirms territorial belonging. Methodologically, this is a qualitative, descriptive study, conducted through participant observation, field notes, photographic and audiovisual records, articulated with a literature review. The theoretical framework engages with authors who discuss memory, territory, culture, and Quilombola resistance. The results indicate that the Farinhada Dance transcends the performative field, constituting itself as a community pedagogical practice, a device for cultural preservation, and a strategy for historical continuity. It is concluded that the quilombo territory is not limited to physical space, but is also a symbolic place where memories and identities are continually recreated.

Keywords: quilombo; memory; territoriality; identity; culture.

COMO CITAR: PIMENTEL, Sâmia Maírla Viana; CARVALHO, Nazaré Cristina. Territorialidade, memória e resistência no Quilombo São José de Icatú (PA): a Dança da Farinhada como prática identitária. **Boitatá**, Londrina, v. 20, n. 40, p. 1-13, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e53461

1 Mestranda em Educação na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: samiamairla25@gmail.com. Orcid: 0000-0001-9921-6378.

2 Doutora em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho (UGF). Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: n_cris@uol.com.br. Orcid: 0000-0001-8417-3504.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as relações entre memória, cultura e identidade presentes no território quilombola São José de Icatú. O Quilombo São José de Icatú localiza-se no município de Mocajuba, no estado do Pará, integrando a região amazônica brasileira. Trata-se de um território marcado por trajetórias históricas de resistência, preservação cultural e fortalecimento comunitário. Entre as práticas socioculturais desenvolvidas na comunidade, destaca-se a Dança da Farinhada, manifestação que articula memória, ancestralidade, trabalho coletivo e processos educativos, constituindo-se como importante elemento identitário local.

Esta pesquisa buscou analisar como a Dança da Farinhada contribui para a produção e a continuidade da identidade quilombola no interior da comunidade. Parte-se da compreensão de que a comunidade não se limita à dimensão material da terra, mas envolve sentidos simbólicos, vínculos sociais e experiências históricas compartilhadas. As discussões desenvolvidas no âmbito do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), especialmente sobre educação, cultura e identidade, contribuíram para a elaboração deste estudo.

Todavia, para pensar essa prática cultural, é necessário contextualizar a história do quilombo que carrega as memórias coletivas do povo negro que foi arrancado da sua raiz e submetido à mercantilização e a diversas formas de violência física, simbólica e social. Durante muito tempo, a historiografia tradicional reduziu os quilombos à condição de refúgio de escravizados fugitivos. Contudo, abordagens contemporâneas reconhecem esses espaços como territórios políticos de resistência, produção cultural e reorganização social (Bernardo Neto, 2021).

A palavra Kilombo é originária da língua banto umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central, mais especificamente na área formada pela atual República Democrática do Congo (antiga Zaire) e Angola. Apesar de ser um termo umbundo, constitui-se em um agrupamento militar composto pelos jaga ou imbangala (de Angola) e os lunda (do Zaire) no século XVII (Munanga; Gomes, 2006, p. 71).

Neste sentido, o quilombo é um agrupamento político, identitário e com uma forte resistência, torna-se insuficiente compreender o quilombo apenas como espaço de fuga, quando na verdade é onde se constitui toda a reflexão de resistência e luta dos povos africanos pela efetivação de suas terras. É necessário compreender que os territórios são lugares de construção de memórias e signos que têm como objetivo perpetuar sua cultura,

[...] os escravos em fuga, mesmo que em sua maioria não aquilombados, também faziam dos territórios dominados pelo escravismo seus espaços de luta e resistência contra o domínio senhorial, seja estabelecendo padrões e rotas de fugas, seja mantendo ou reconstruindo seus laços de convivência social com seus camaradas nos mundos da escravidão, dos quais faziam parte enquanto personagens (Bernardo Neto, 2021, p. 129).

Neste estudo, também será apresentado o território como uma manifestação da memória que é capaz por meio de signos ressignificar e construir sua identidade, através dos saberes carregados pelos seus ancestrais é possível aproximar e enraizar os costumes praticados pelos quilombolas. Afinal, sabe-se que os povos africanos escravizados no Brasil passaram por uma reconstrução de si, do outro e principalmente de sua identidade.

Dessa forma, o artigo discute as relações entre memória, território e identidade na emancipação social quilombola, compreendendo que a identidade coletiva se constitui sempre em relação ao outro (Bernardo Neto, 2021). Tal processo manifesta-se nas práticas culturais, nos modos de vida e nas estratégias de resistência construídas historicamente por esse povo. Um exemplo dessa atitude de preservação da cultura, é o movimento coletivo e identitário construído na Dança da Farinhada, projeto cultural escolhido para dialogar nesta pesquisa.

A Dança da Farinhada destaca-se como importante manifestação cultural vinculada à memória, à ancestralidade e aos saberes tradicionais da comunidade. Mais do que uma expressão festiva, essa prática simboliza o trabalho coletivo, a valorização da cultura local e a continuidade de conhecimentos transmitidos entre gerações. Nesse contexto, a dança contribui para o fortalecimento da identidade quilombola, reafirmando o pertencimento ao território e preservando elementos históricos fundamentais para a resistência e permanência da comunidade.

FUNDAMENTAÇÃO

Para a construção do tema é de suma importância apresentar os eixos de cultura, memória e quilombo como ferramenta de construção da identidade negra, que carrega a possibilidade de construir nos povos negros através da dança e música o sentimento de pertencimento territorial e identitário. Neste sentido, é relevante conhecer como a cultura a partir do ponto de vista teórico vem sendo estudada e empregada nas teorias de alguns autores da área que trabalham e pesquisam sobre cultura, identidade e seu desenvolvimento nas comunidades ou territórios quilombolas.

A compreensão das dinâmicas culturais presentes em comunidades quilombolas exige uma abordagem que articule memória, identidade, território e saberes tradicionais. Nesse sentido, o conceito de quilombo ultrapassa definições históricas restritas e passa a ser entendido como espaço de produção de vida, resistência e construção de sentidos. Conforme aponta Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 41), “os territórios quilombolas são espaços de continuidade da vida, onde o saber se constrói na relação com a terra, com o tempo e com os outros”.

A memória constitui elemento central nesse processo. Para Maurice Halbwachs (2004), a memória não é individual, mas socialmente construída, sendo estruturada a partir das relações coletivas. Essa perspectiva é aprofundada por Michael Pollak (1989), ao destacar que a memória envolve disputas, silenciamentos e resistências, especialmente em contextos marcados por desigualdades históricas. No caso das comunidades quilombolas, a memória atua como mecanismo de preservação de experiências e como instrumento de afirmação identitária.

No contexto amazônico, a cultura deve ser compreendida a partir de suas especificidades simbólicas e territoriais. João de Jesus Paes Loureiro (1995, p. 53) afirma que a cultura amazônica é “uma forma de interpretação do mundo, marcada por relações entre o homem, a natureza e o imaginário”. Tal perspectiva permite compreender práticas como a Dança da Farinhada não apenas como manifestação artística, mas como expressão de uma cosmovisão construída no cotidiano.

A noção de identidade, por sua vez, é entendida como processo dinâmico, construído nas interações sociais e nas práticas culturais. Nas comunidades quilombolas, essa identidade está profundamente vinculada ao território, às memórias compartilhadas e às experiências

de resistência. A participação em práticas coletivas, como a Dança da Farinhada, contribui para a reafirmação desse pertencimento e para a continuidade dos vínculos comunitários.

Outro eixo fundamental refere-se aos saberes tradicionais. Diferentemente de perspectivas que restringem o conhecimento ao campo formal, autores como Tim Ingold (2010) defendem que o aprender ocorre na prática, por meio da experiência e da atenção ao ambiente. Essa compreensão aproxima-se das realidades quilombolas, nas quais o conhecimento é transmitido pela convivência, pela oralidade e pela participação nas atividades coletivas.

Nessa mesma direção, Nego Bispo afirma que “o conhecimento tradicional não se separa da vida, ele acontece no fazer” (Santos, 2015, p. 52), evidenciando a inseparabilidade entre prática, cultura e aprendizagem. Assim, manifestações como a Dança da Farinhada constituem espaços privilegiados de transmissão de saberes e de formação cultural.

Dessa forma, a articulação entre memória, identidade, território e saberes tradicionais permite compreender as práticas culturais quilombolas como formas de resistência e de produção de conhecimento. Essas práticas não apenas preservam o passado, mas atualizam continuamente as experiências coletivas, garantindo a continuidade histórica e cultural das comunidades.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, uma vez que busca compreender fenômenos sociais a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos em seus contextos de vida. Conforme afirmam Flick (2009, p. 20), a pesquisa qualitativa “estuda o conhecimento e as práticas dos participantes, levando em conta o contexto em que ocorrem”. Nesse sentido, a investigação volta-se à análise das práticas culturais desenvolvidas na comunidade quilombola São José de Icatú, com ênfase na Dança da Farinhada.

O estudo foi realizado na comunidade quilombola São José de Icatú, localizada no município de Mocajuba, no estado do Pará, território inserido na região amazônica brasileira. Os sujeitos participantes da pesquisa foram membros da comunidade que se reuniram no Salão Comunitário para a apresentação da Dança da Farinhada, bem como as crianças envolvidas na prática, reconhecidas como agentes centrais na transmissão dos saberes culturais. A pesquisa contou com o apoio da comunidade e do professor Domingos Flávio, responsável pela mediação e fortalecimento dessa manifestação cultural.

Como técnicas de produção de dados, foram utilizadas a observação participante, o diário de campo, registros fotográficos e audiovisuais, além de revisão bibliográfica. A observação participante permitiu a inserção da pesquisadora no contexto investigado, favorecendo a compreensão das dinâmicas culturais a partir da vivência direta. Segundo DaMata (1981, p. 32), “observar é participar, e participar é também observar”, evidenciando a indissociabilidade entre presença e análise no trabalho de campo.

O diário de campo foi utilizado como instrumento de registro das experiências, percepções e interações observadas durante a pesquisa. Para Minayo (2014, p. 63), “o diário de campo é um instrumento fundamental para o registro sistemático das informações e das impressões do pesquisador”, contribuindo para a organização e interpretação dos dados.

Os registros fotográficos e audiovisuais possibilitaram a documentação da Dança da Farinhada em seus diferentes momentos, permitindo uma análise mais detalhada dos gestos, expressões e elementos simbólicos presentes na manifestação. Tais registros funcionam

como suporte à análise, ampliando a compreensão das dimensões visuais e performáticas da prática cultural.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma abordagem interpretativa, buscando articular os dados empíricos com o referencial teórico adotado. Conforme destaca Denzin e Lincoln (2006, p. 17), “a interpretação qualitativa envolve dar sentido aos fenômenos a partir das experiências e significados construídos socialmente”. Dessa forma, os dados foram analisados à luz das categorias de memória, identidade, território e saberes tradicionais.

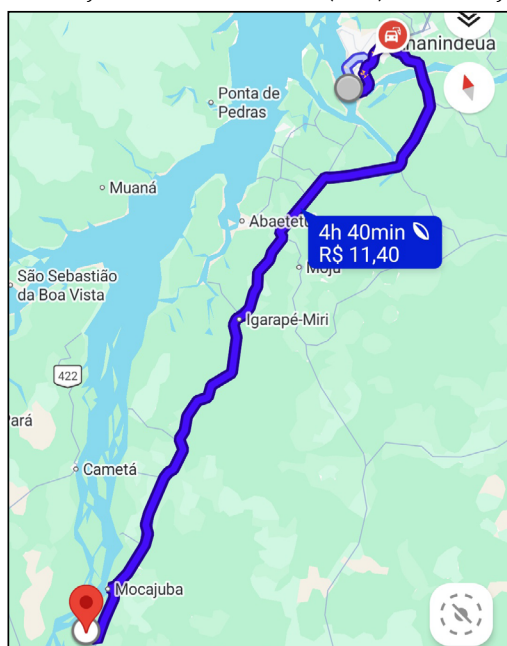
Além disso, a pesquisa seguiu princípios éticos fundamentais, respeitando os sujeitos participantes, suas narrativas e o contexto sociocultural da comunidade, reconhecendo o território quilombola como espaço de produção de conhecimento e de valorização de saberes ancestrais.

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO SÃO JOSÉ DE ICATÚ

A Comunidade Quilombola São José de Icatú localiza-se na zona rural do município de Mocajuba, no estado do Pará, integrando a região nordeste paraense e o contexto socio territorial da Amazônia brasileira. O município de Mocajuba situa-se a aproximadamente 250 quilômetros da capital Belém, constituindo importante referência urbana para o acesso à comunidade. O deslocamento a partir de Belém ocorre, predominantemente, por via terrestre, por meio das rodovias que interligam os municípios da região, com tempo médio de viagem que pode variar cerca de 4 horas e 30 minutos, conforme as condições da estrada e do período do ano.

O acesso entre Belém (PA) e Mocajuba (PA) ocorre, predominantemente, por transporte rodoviário, mediante ônibus intermunicipal ou veículo particular. O custo médio da passagem é de R\$ 70,00, podendo variar conforme a sazonalidade. Durante o mês de julho, período de maior fluxo turístico, os valores tendem a aumentar, alcançando cerca de R\$ 87,00 a R\$ 90,00 reais. Esse acréscimo decorre da intensa procura pelo município, amplamente conhecido por suas praias e igarapés, que constituem importantes atrativos regionais. Na sequência, apresenta-se imagem representativa do trajeto entre Belém (PA) e Mocajuba (PA).

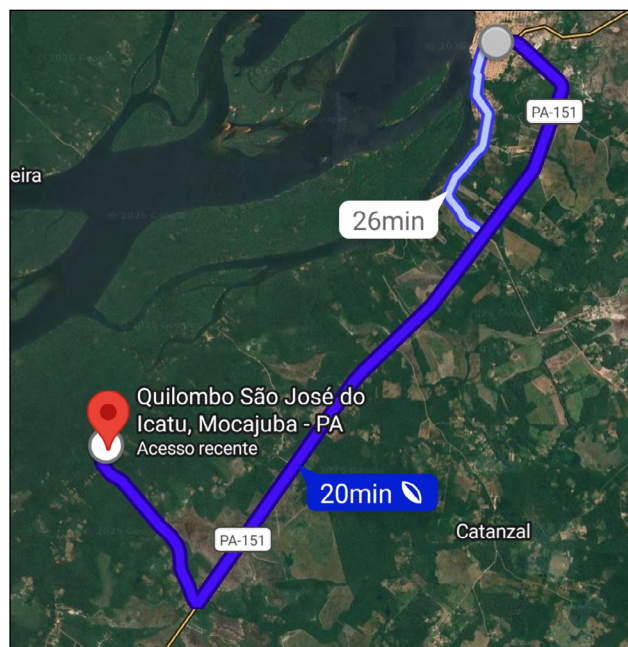
Figura 1 – Trajeto entre Belém (PA) e Mocajuba (PA)



Fonte: elaborado pela autora com base em Google Maps (2026).

A imagem acima demonstra o percurso trilhado da cidade de Belém-PA para o município de Mocajuba-PA, como observado na imagem, passamos por várias localidades, como, Ananindeua, Abaetetuba, Igarapé-Mir, Cametá, Moju, entre outras cidades e comunidades do estado do Pará. A imagem 2 apresenta o trajeto da cidade de Mocajuba-PA para o território quilombola São José de Icatú.

Figura 2 – Trajeto entre Mocajuba (PA) e o Quilombo São José de Icatú



Fonte: elaborado pela autora com base em Google Maps (2026).

Após a chegada à cidade municipal de Mocajuba-PA, o deslocamento até o Quilombo São José de Icatú é realizado por estrada não asfaltada, um percurso relativamente curto, “adentrando um ramal com 5km, de extensão até a comunidade. Por via aquática, o acesso se dá através do rio Tauaré, que é um braço do rio Tocantins” (Santos; Pinto, 2025, p. 389).

Figura 3 – Estrada de acesso à Comunidade Quilombola São José de Icatú



Fonte: elaborado pela autora com base em Google Maps (2025).

Contudo, durante o período chuvoso, as condições de acesso tornam-se mais difíceis em razão da formação de extensos trechos de lama e acúmulos de água ao longo da via, o que pode comprometer a mobilidade e ampliar o tempo de trajeto. Embora situado a pequena distância do município de Mocajuba, o quilombo encontra-se inserido em área da floresta amazônica, cercado por paisagens naturais que evidenciam a forte relação entre território, natureza e modos tradicionais de vida. Tal localização revela a inserção da comunidade em um contexto marcado pela ruralidade, pela ancestralidade e por formas próprias de organização social, aspectos fundamentais para a compreensão de suas práticas culturais e de sua dinâmica identitária.

Um exemplo desse pertencimento entre natureza e ser humano é observado no significado do nome concedido ao território. “Há relatos na comunidade que o nome Icatú é de origem indígena (tupi-guarani), o I significa rio, ICATU, significa água boa, logo Icatu quer dizer ‘rio de água boa’” (Santos; Pinto, 2025, p. 389). Aqui percebemos uma relação de gratidão a proteção e cuidado da natureza com seu povo.

Participaram da pesquisa os quilombolas reunidos no salão comunitário durante a apresentação da Dança da Farinhada, bem como as crianças inseridas na atividade, reconhecidas como agentes centrais na continuidade dessa herança cultural. O estudo contou com o apoio da comunidade e do professor Domingos Flávio¹, cuja atuação tem sido fundamental na mediação intergeracional de conhecimentos tradicionais, convertidos em prática cultural orientada à preservação da identidade coletiva e dos vínculos comunitários.

A comunidade tem na agricultura e na pesca suas principais formas de subsistência, atividades que garantem não apenas o sustento material das famílias, mas também a continuidade de conhecimentos tradicionalmente compartilhados entre as gerações. Por meio do cultivo da terra, da colheita e das práticas pesqueiras, os moradores produzem alimentos, comercializam parte de sua produção e asseguram recursos para a aquisição de outros bens necessários ao cotidiano. Mais do que atividades econômicas, tais práticas configuram modos de vida profundamente vinculados ao território, à coletividade e aos saberes ancestrais, articulando trabalho, memória e identidade no interior da comunidade.

Dessa forma, os quilombos constituem espaços privilegiados de preservação da memória coletiva, transmitida entre gerações e permeada por significados ligados à trajetória histórica da população negra, às resistências empreendidas e à reafirmação de identidades por muito tempo silenciadas. Nesses territórios, tais identidades encontram condições para emergir, renovar-se e permanecer. Nessa perspectiva, a memória expressa “o poder de rememoração”, sendo, conforme Vernant (1973, p. 135), uma verdadeira conquista. Recordar converte-se, assim, em fundamento da cultura, pois é por meio das lembranças que costumes são atualizados, saberes são transmitidos e práticas culturais são continuamente ressignificadas.

Uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros,

1 Domingos Flávio constitui importante referência política, social e cultural para a comunidade quilombola São José de Icatú. Sua atuação destacou-se, entre outros aspectos, na luta pelo processo de titulação das terras do território, contribuindo para o fortalecimento dos direitos coletivos da comunidade. Além da militância comunitária, exerceu a docência na Escola Arthur Igreja, localizada no próprio quilombo, articulando educação escolar e valorização cultural. Foi também o principal incentivador da implantação do projeto Dança da Farinhada, por meio do qual, juntamente com as crianças, passou a semear e fortalecer valores ligados à memória, à cultura e à identidade quilombola.

fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais (Pollak, 1989, p. 1).

Os povos que habitam esses territórios buscam diferentes maneiras de tornar visível sua identidade, uma vez que vivenciaram, ao longo da história, processos de exclusão e silenciamento e, na atualidade, por meio da resistência, reafirmam o direito de ocupar seus espaços sociais e políticos. Nesse contexto, os projetos culturais constituem importantes instrumentos de enfrentamento às estruturas opressoras que incidem sobre ancestralidades, memórias e modos de vida tradicionais, frequentemente subordinados por culturas hegemônicas. Tais iniciativas contribuem para valorizar identidades historicamente marginalizadas e fortalecer a continuidade de seus patrimônios culturais.

Privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional (Pollak, 1989, p. 2).

Os quilombolas são manifestações dessa ruptura, pois houve uma época que não poderiam existir, eram vistos como revoltas ou lugar de fuga, todavia, é uma manifestação simbólica de reagir ao opressor e reconstruir suas memórias, as capacitando, ensinando os novos descendentes e transformando essa cultura. Para isso é necessário compreender a existência dos confrontos no mundo e que a identidade é construída por meio de outras culturas.

A cultura vem sendo considerada, desde a Antiguidade clássica, como algo que engloba diferentes ângulos de uma totalidade voltada para a criação e preservação de bens materiais-imateriais, passando pelo cultivar, pelo habitar, pelo cuidar. É o homem, através dessas formas de relação com a realidade, torna-se um doador de sentido às coisas (Loureiro, 1995, p. 53).

O quilombo constitui um espaço de representação cultural no qual o grupo busca preservar seus saberes, reafirmar suas crenças e consolidar sua identidade coletiva. Nesse contexto, o território configura-se como fonte de signos e significados que moldam a ancestralidade do povo, atribuindo sentido às suas formas de vida, às suas concepções de mundo e às lutas historicamente empreendidas. A resistência emerge, assim, como prática política e simbólica capaz de dar voz à população quilombola e de legitimar sua presença nos espaços sociais que lhe foram negados ao longo da história. Desse modo, resistir significa narrar a própria trajetória, reivindicar direitos e ocupar lugares historicamente marcados pela exclusão.

A DANÇA DA FARINHADA COMO PRÁTICA IDENTITÁRIA

A Dança da Farinhada consiste em uma apresentação cultural protagonizada por crianças e jovens da comunidade, orientados pelo professor Domingos Flávio. A performance representa etapas do cultivo da mandioca e da produção da farinha, atividade historicamente relevante para a economia e para a vida social local. Como destaca Loureiro (1995, p. 53), a cultura amazônica constitui-se como “uma forma de dar sentido ao mundo”, sendo expressa nas práticas cotidianas e nos modos de vida dos povos tradicionais.

Durante a apresentação, são utilizados instrumentos associados ao trabalho tradicional, como tipiti, paneiros e utensílios agrícolas. Os participantes encenam o plantio, a colheita, a raspagem, a torração e a circulação da farinha, transformando gestos cotidianos

em linguagem artística. Nesse processo, o fazer produtivo é ressignificado como prática simbólica, evidenciando que, conforme Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 47), “os saberes dos povos tradicionais não estão nos livros, estão na vida, no fazer e no conviver”.

Mais do que espetáculo, a Dança da Farinhada opera como pedagogia comunitária. Por meio dela, crianças aprendem técnicas produtivas, narrativas familiares e valores coletivos. O corpo converte-se em arquivo cultural, e a dança torna-se linguagem de transmissão intergeracional. Nessa perspectiva, a aprendizagem ocorre no cotidiano e na experiência, aproximando-se do que Tim Ingold (2010) define como “educação da atenção”, em que o conhecimento se constrói na prática e na relação com o ambiente.

A Dança da Farinhada, praticada na comunidade quilombola São José de Icatú, no município de Mocajuba (PA), constitui-se como importante manifestação cultural que articula memória, identidade, ancestralidade e produção de saberes coletivos. Mais do que expressão festiva, essa prática representa a continuidade histórica de modos de vida construídos ao longo das gerações, preservando experiências e valores vinculados ao trabalho comunitário e à relação com a terra. Como afirmam Fares e Padinha (2013, p. 39), “a memória, na cosmovisão africana, ultrapassa a dimensão funcional, assumindo caráter poético e existencial”.

Historicamente, a produção da farinha ocupa lugar central na organização econômica e social de diversas comunidades amazônicas. No contexto quilombola de São José de Icatú, esse processo ultrapassa a dimensão produtiva e assume sentido simbólico, pois envolve cooperação, partilha e fortalecimento dos vínculos comunitários. A dança emerge, nesse cenário, como linguagem corporal que celebra o trabalho coletivo e reafirma o pertencimento ao território. Os gestos, ritmos e movimentos presentes na manifestação carregam significados que remetem às experiências dos antepassados e às formas de resistência construídas historicamente pela população negra rural amazônica.

A identidade quilombola, nesse sentido, é continuamente reafirmada por meio da Dança da Farinhada. Ao participar da manifestação, diferentes gerações compartilham práticas culturais que os conectam a uma memória coletiva marcada pela luta e pela permanência no território. Como destaca Maurice Halbwachs (2004, p. 34), “a memória individual se constrói a partir da memória do grupo”, evidenciando o caráter social da lembrança.

Outro aspecto relevante refere-se aos saberes tradicionais mobilizados durante a prática. A Dança da Farinhada envolve conhecimentos sobre música, ritmo, corporalidade, oralidade e organização comunitária, além das técnicas de produção da farinha. Esses saberes são transmitidos por meio da convivência e da participação direta, configurando uma pedagogia própria do território. Conforme Nego Bispo, “o conhecimento tradicional é produzido na relação com a terra, com o outro e com o tempo” (Santos, 2015, p. 52).

A ancestralidade manifesta-se na permanência de elementos herdados dos mais velhos, orientando valores como respeito, solidariedade e coletividade. Ao dançar, a comunidade não apenas recorda o passado, mas atualiza a presença dos ancestrais no presente. Nesse sentido, a memória é dinâmica e ativa, pois, como afirma Pollak (1989, p. 3), “a memória é elemento constituinte do sentimento de identidade”.

Assim, a Dança da Farinhada revela-se como patrimônio cultural de grande relevância para São José de Icatú, pois fortalece identidades, preserva saberes e mantém viva a ancestralidade quilombola. Em um contexto marcado por desafios sociais e disputas territoriais, práticas como essa tornam-se estratégias fundamentais de resistência cultural e

afirmação política, demonstrando que o território quilombola é também espaço de produção de conhecimento e continuidade histórica.

As imagens a seguir apresentam registros da Dança da Farinhada realizados na comunidade quilombola São José de Icatú, evidenciando diferentes momentos da performance e sua organização coletiva. Por meio dos registros visuais, é possível observar a participação das crianças e dos demais membros da comunidade, bem como os elementos simbólicos que compõem a encenação, como os instrumentos utilizados na produção da farinha e os movimentos corporais que representam cada etapa do processo produtivo. As imagens revelam, ainda, a dimensão pedagógica e cultural da prática, demonstrando como a dança se constitui como espaço de aprendizagem, transmissão de saberes e fortalecimento da identidade quilombola. Dessa forma, os registros visuais não apenas ilustram a manifestação, mas também contribuem para a compreensão das relações entre memória, território e cultura presentes na Dança da Farinhada.

Figura 4 – Ciranda da Dança da Farinha



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Neste momento as crianças fazem uma ciranda e o professor Domingos Flávio canta uma música que fala sobre o plantio, a colheita, produção e venda da farinha, as crianças vão se apresentando conforme a função que desempenha nesse processo, cada criança quando chega seu momento de apresentação vai para o centro da ciranda e demonstra qual função está desempenhando nessa produção. Cada criança possui um instrumento que simboliza a produção da farinha.

Figura 5 – Instrumentos para a produção da farinha

Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Aqui temos a maniva que ao ser plantada gera a mandioca, temos o machado e terçado que são utilizados para limpar o terreno no qual serão plantadas as manivas, depois o tipiti que é onde a mandioca sofre o processo para ficar seca, entre outros instrumentos. Todos esses instrumentos foram confeccionados pelos quilombolas que aprenderam com os seus ancestrais, isso é uma demonstração de como o aprender pela observação acontece diariamente no cotidiano e a preservação da memória desse aprender são necessários para a geração futura.

Desta maneira, a Dança da Farinhada é uma manifestação cultural que é reafirmada pelo território quilombola São José de Icatú. Sabe-se que tudo que o homem cria, é uma forma de cultura que está enriquecida de vertentes sócio-históricas de um determinado povo. Toda essa representação ocorre de modo espontâneo, uma vez que, o sujeito tem a capacidade de representar originalmente as manifestações simbólicas. É dessa forma, criando que ele consegue construir a realidade, que possibilita sua liberdade e autonomia de ação, reconhecendo-se como o próprio criador do seu mundo. Mas, a liberdade não é algo dado, ela deve ser conquistada e exercitada a todo instante, o que acaba sendo um fardo para muitos, surge então um mal do nosso século, “a renúncia à própria liberdade em meio à crise do conhecimento” (Fernandes, 2003, p. 6).

Na comunidade quilombola São José de Icatú existe uma manifestação cultural intitulada “Dança da Farinhada” no qual as crianças realizam uma performance artística referente a produção da farinha de mandioca fabricada pela comunidade por muitos anos. O objetivo deste projeto é enraizar na memória das crianças a cultura que ocorre por meio da confecção da farinha.

Por fim, a Dança da Farinhada configura-se como prática construída e fortalecida no interior da comunidade, sendo sistematizada pelo professor Domingos Flávio como projeto educativo-cultural. Ao envolver as crianças, a iniciativa contribui para a transmissão de saberes e para a preservação da identidade quilombola, reafirmando que cultura, educação e território são dimensões indissociáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Dança da Farinhada na comunidade quilombola São José de Icatú permite compreender que essa prática ultrapassa a dimensão estética ou festiva, constituindo-se como importante dispositivo de preservação da memória, de transmissão de saberes e de fortalecimento da identidade coletiva. Ao articular elementos do trabalho tradicional, da ancestralidade e da vida comunitária, a dança revela-se como expressão viva da cultura quilombola.

Os resultados evidenciam que a prática desempenha papel central na formação das novas gerações, especialmente ao envolver crianças e jovens em processos de aprendizagem baseados na experiência, na convivência e na participação ativa. Nesse contexto, a Dança da Farinhada configura-se como uma pedagogia do território, na qual o conhecimento é construído a partir das relações sociais e do contato direto com os saberes tradicionais.

A partir do diálogo com autores como Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Nego Bispo, foi possível compreender que a memória, a identidade e os saberes não são elementos isolados, mas dimensões interdependentes que estruturam a vida comunitária. A Dança da Farinhada, nesse sentido, atua como espaço de atualização dessas dimensões, garantindo a continuidade histórica da comunidade.

Além disso, o estudo evidencia que o território quilombola deve ser compreendido para além de sua dimensão física, sendo também espaço simbólico de produção de conhecimento, resistência e afirmação cultural. Em contextos marcados por desigualdades sociais e disputas territoriais, práticas como essa assumem papel fundamental na valorização das culturas tradicionais e na luta por reconhecimento.

Por fim, destaca-se a relevância de pesquisas que valorizem os saberes produzidos em comunidades quilombolas amazônicas, contribuindo para o fortalecimento de suas práticas culturais e para a ampliação do debate acadêmico sobre educação, cultura e territorialidade. A Dança da Farinhada, nesse contexto, reafirma que os quilombos são espaços vivos de conhecimento, memória e resistência.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO NETO, Jaime. Sobre memória, identidade e territorialidade – reflexões a partir da geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, n. e02, p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/45258/pdf>
- DAMATA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.
- DENZIN, Norman Kent.; LINCOLN, Yvonna Sessions. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FARES, Josebel Akel.; PADINHA, Maria do Socorro Ribeiro. O tempo da memória na “cosmovisão” africana. In: FARES, Josebel Akel; RODRIGUES, Denise Simões. **Memória, Imaginário e Educação na Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2013. p. 37-55.
- FERNANDES, Vladimir. **A Filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.nilsonjosemachado.net/20030509.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1. p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lima. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução do francês de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>
- SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- SANTOS, Rivaldo Antônio Dias dos; PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Educação e saberes culturais: a experiência da comunidade quilombola São José de Icatú. In: PINTO, Benedita Celeste de Moraes; MOREIRA, Cristian Caio Silva; SIQUEIRA, Renata Ferreira; SOUZA, Susana Braga; TEIXEIRA, Tatiane do Socorro (org.). **Cultura, educação e identidade: territórios de lutas e saberes resistentes na Amazônia**. Campinas: Labour Editora, 2025. p. 382-409.
- VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Tradução do original francês de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão europeia do livro, EDUSP, 1973.

RECEBIDO EM: 01/08/2025 | ACEITO EM: 01/12/2025